



## DIREITOS HUMANOS

# Irã duplica execuções

Regime teocrático islâmico acelera o cumprimento das sentenças de morte nos três primeiros meses de 2025, revela a Iran Human Rights. Diretor da organização não governamental associa pena capital a estratégia para impor medo e impedir protestos

» RODRIGO CRAVEIRO

Enquanto todas as atenções se voltam para os primeiros meses do governo Donald Trump e para as guerras na Faixa de Gaza e na Ucrânia, o Irã segue cometendo violações aos direitos humanos, segundo a organização não governamental Iran Human Rights (IHR), sediada em Oslo (Noruega). Em comparação com o mesmo período em 2024, o regime teocrático islâmico executou mais do que o dobro de prisioneiros no primeiro trimestre deste ano, anunciou a IHR.

“Pelo menos 230 pessoas foram executadas somente nos três primeiros meses deste ano. Se o ritmo continuar, o número ultrapassará mil até o fim de dezembro”, afirmou ao **Correio** Mahmood Amiry-Moghaddam (**leia Duas perguntas para**), diretor da IHR. De janeiro a março de 2024, 110 presos foram executados pelo regime.

De acordo com Moghaddam, a República Islâmica usa a pena de morte como uma ferramenta de opressão. “A meta é criar medo, a fim de prevenir protestos. Porque eles sabem que a próxima onda de manifestações pode levar ao fim do regime”, observou. Dos 230 presos executados no primeiro trimestre, oito eram mulheres. “Houve uma execução pública, as outras 229 mortes ocorreram dentro dos centros de detenção”, disse o diretor da IHR, ao fazer menção a um preso que foi enforcado em uma ponte.

Em março, o Irã cumpriu com a pena capital de 59 pessoas — quase uma média de dois executados a cada 24 horas —, um por crimes ligados à posse de drogas e 28 por *qisas* (retribuição em espécie, ou seja, a morte

de condenados por homicídio).

A IHR divulgou que, entre os 230 executados entre janeiro e março, 113 foram culpados de assassinato, 106 de delitos relacionados a drogas, oito de estupro e três de *moharebeh* (inimizade contra Alá) por assalto à mão armada. Apenas 11 execuções foram anunciadas por fontes oficiais. Moghaddam admitiu que o número de execuções no Irã tende a aumentar quando existe tensão ou ameaça de guerra contra outro país. “Mais de 70% das 975 acusações confirmadas pela IHR em 2024 ocorreram depois do início das tensões entre Irã e Israel”, disse.

Segundo Moghaddam, as autoridades iranianas também exploram a atenção da opinião pública interna sobre tensões entre Irã e os Estados Unidos para realizar mais execuções, inclusive de prisioneiros políticos. “Isso porque não há uma atenção internacional em relação a essas mortes e, portanto, o custo político delas se torna menor. O principal inimigo da República Islâmica são os jovens iranianos que exigem seus direitos fundamentais”, concluiu.

### Resolução

Na semana passada, um relatório de uma missão da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o Irã acusou o regime dos aiatolás de manter em curso “graves violações” dos direitos humanos, algumas das quais com características de crimes contra a humanidade. Uma resolução adotada pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU renovou o mandato da missão e ampliou o seu escopo de investigação. Ontem, Teerã repreendeu o Conselho por ter aprovado o texto.

Adrian Dennis/AFP



Manifestante observa cordas simulando forca durante manifestação em Londres, em 2021: enforcamento é o método mais usado pelos iranianos

### Duas perguntas para...

**MAHMOOD AMIRY-MOGHADDAM**, diretor da organização não governamental Iran Human Rights (IHR)

**Os presos executados este ano tiveram acesso a familiares e advogados, e um julgamento considerado justo?**

As violações do devido processo legal são sistemáticas. Confissões extraídas sob tortura são as principais provas de culpabilidade. Os prisioneiros não têm acesso a

advogados na fase de investigação depois de sua detenção. Isso vale para todos os prisioneiros. Além disso, os acusados de crimes relacionados com drogas ou crimes políticos e de segurança são julgados por Tribunais Revolucionários, com ainda menos devido processo legal.

**Que ações a comunidade internacional deve adotar para enfrentar este problema?**

Aumentar o custo político das

execuções pode ajudar. Especificamente países como o Brasil, que mantém boas relações diplomáticas com a República Islâmica, podem desempenhar um importante papel, ao reagir às execuções diárias e mostrar solidariedade para com o movimento abolicionista no Irã. A cada terça-feira, prisioneiros de 40 centros de detenção iranianas recorrem à greve de fome contra as execuções. Mostrar solidariedade para com eles pode ser um primeiro passo. (RC)

Arquivo pessoal



Ali Bahreini, embaixador e representante permanente do Irã no Escritório da ONU em Genebra, destacou os sérios abusos nos territórios palestinos

ocupados e fala da responsabilização dos perpetradores. “Os patrocinadores (da resolução) fabricaram um retrato enganoso da situação dos direitos humanos do

Irã, a fim de desviar a atenção do Conselho”, declarou segundo a agência estatal de notícias iranianas Irna. O diplomata deturpou a resolução, ao citar Reino Unido e Alemanha, deveriam responder “por sua opressão contra o povo iraniano e a humanidade”.

## ESTADOS UNIDOS



Timothy Haugh foi dispensado a pedido de influencer para Trump

# Deslealdade teria causado demissão de diretor de Inteligência

O diretor da Agência de Inteligência Americana (NSA) foi despedido na quinta-feira devido à sua “deslealdade” com Donald Trump, afirma uma influencer que se reuniu com o presidente americano pouco antes de ele anunciar a destituição. A ativista pediu ao republicano que

destituísse Timothy Haugh durante um encontro na Casa Branca na quarta-feira, segundo vários veículos americanos. “O diretor da NSA, Tim Haugh, e sua vice-diretora, Wendy Noble, demonstraram deslealdade ao presidente Trump. Por isso foram despedidos”, escreveu Laura Loomer na rede social X.

Ela criticou o primeiro por ter sido indicado para esse cargo pela administração do ex-presidente democrata Joe Biden. “Como a NSA é possivelmente a agência de inteligência mais poderosa do mundo, não podemos permitir que uma pessoa designada por Biden ocupe esse posto”, acrescentou Loomer.

Donald Trump reconheceu na quinta-feira que escutou a influencer, a quem qualificou de “grande patriota”. “Ela faz recomendações e, às vezes, as escuto”, disse. “Ela sempre tem algo a dizer e normalmente é construtivo”, acrescentou.

O anúncio da saída do general Haugh provocou indignação entre

vários congressistas. “Em um momento em que os Estados Unidos enfrentam ameaças cibernéticas sem precedentes (...), como é possível que sua demissão aumente a segurança dos americanos?”, perguntou, também na rede social X, Mark Warner, um democrata do Comitê de Inteligência do Senado.

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# Brasil joga por empate com Trump

Enquanto o governo monitora os impactos e desdobramentos do tarifaço comercial de Donald Trump, a diplomacia brasileira segue ajustando a sintonia fina e a calibragem nas relações bilaterais com os EUA. Reações imediatas, como a da China, que deu o troco na mesma moeda e impôs 34% à importação de produtos norte-americanos, alimentam os receios por uma guerra comercial aberta e uma combinação global de inflação e recessão.

Por ora, a decisão por aqui é insistir no diálogo direto, antes de considerar a aplicação de uma retórica à taxa de 10% imposta por Trump. Mesmo um recurso à Organização Mundial de Comércio (OMC) fica no banco de reservas, já que os próprios EUA se dedicaram,

nos últimos anos, a esvaziar o mecanismo multilateral.

A senha tinha sido dada pelo envio de uma delegação a Washington, às vésperas do anúncio do tarifaço, para expor os argumentos do país. Integrada, entre outros, pelo negociador-chefe no Brics e no G20, o embaixador Maurício Lyrio, a equipe conseguiu colocar o Brasil no patamar mais baixo de sobretaxas, o de 10%.

A avaliação inicial é de que, até aqui, o saldo é positivo. A ordem, na interação com o governo Trump, é seguir jogando pelo empate.

### Pano para manga

Internamente, o jogo é outro, e é disputado como decisão de

campeonato. Como tem sido desde o retorno do magnata republicano à Casa Branca, a relação Brasil-EUA acirra o confronto entre governo e oposição, com a eleição de 2026 no horizonte.

Licenciado do mandato de deputado e radicado em solo americano, Eduardo Bolsonaro fez coro com o pai e elogiou a punição comercial ao Brasil. Mas não conseguiu segurar as rédeas da bancada bolsonarista, que tinha declarado obstrução completa da pauta até a votação da anistia para o ex-presidente e demais réus e acusados no processo sobre o 8 de janeiro e a tentativa de golpe. O dique cedeu e permitiu a aprovação do projeto que autoriza o governo a retaliar o tarifaço de Trump.

Será mais um reforço no banco de reservas, habilitado a entrar em campo, eventualmente, no decorrer da disputa comercial.

### Virou o jogo

Embora não de maneira direta e exclusiva, o salvo de artilharia disparado da Casa Branca teve um efeito colateral que pode se mostrar favorável ao Brasil. No marco da dura reação da União Europeia, que prepara o anúncio formal de represálias, a França de Emmanuel Macron ensaiava uma mudança na estratégia comercial. Pela primeira vez, Paris aceitou a ideia de destravar a finalização do acordo UE-Mercosul, que estabelece a mais ampla área de livre comércio no planeta.

Desde a primeira assinatura do texto, em 2019, e novamente após as alterações introduzidas no ano passado, o presidente francês comandava a obstrução. Respondia à marcação cerrada dos agricultores, avessos à concorrência com produtos sul-americanos. Ainda em solo político instável, Macron agora tem o Mercosul como carta na manga.

Um avanço pela parte europeia depende ainda de a Alemanha, locomotiva do bloco, concluir a transição de governo. Ao contrário do que se vê na França e em outros sócios, lá é a indústria quem fala mais alto — e, desde sempre, puxa a brasa para a sardinha do acordo, que lhe abrirá as portas de um mercado com dimensões apreciáveis.

Tanto mais com o sinal fechado nos EUA, é de esperar que o novo chanceler, o democrata-cristão Friedrich Merz, ajude a desatolar as negociações com o Mercosul.

### Chico e Francisco

No âmbito do bloco sul-americano, aliás, o tarifaço de Trump acabou reservando uma relativa surpresa na administração das doses.

São notórias e ostensivas as manifestações do presidente argentino, Javier Milei, em favor de deixar a parceria regional em troca de um acordo comercial bilateral com os EUA. Por essas e outras, não apenas Milei esteve entre os poucos governantes convidados para a posse de Trump, em janeiro.

Ao lado de Jair Bolsonaro, ele é visto como aliado preferencial na Casa Branca e no Departamento de Estado. Ainda assim, o Brasil de Lula — um desafeto e adversário — foi agravado no tarifaço com os mesmos 10% de sobretaxa.

Amizades à parte, na hora dos negócios, Chico e Francisco apanham de porretes de igual tamanho.